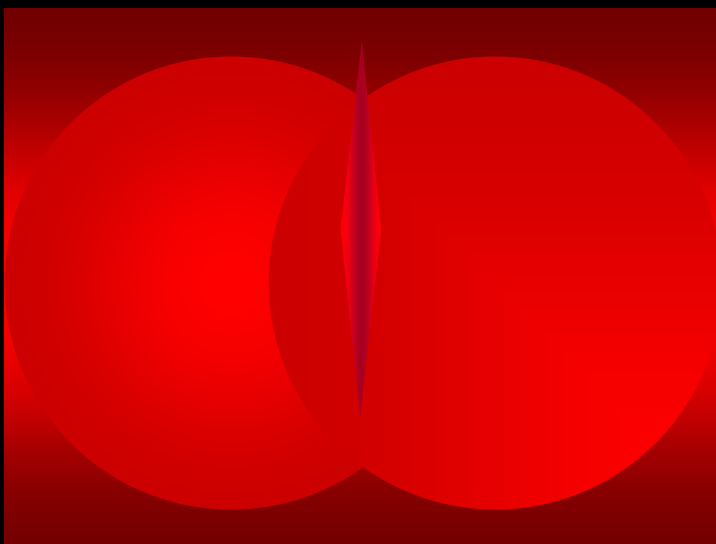


# **DRUMMOND REMÉDIOS VENENOS**

*O Mundo não tem Remédio*



*Em comemoração ao Dia D 31:10 - Dia de Drummond*

**Roberto DeLucia**

## **ROBERTO DELUCIA**

Professor e Pesquisador de Farmacologia do  
Instituto de Ciências Biomédicas da USP

Em colaboração de **Arina Sampaio**, graduação em  
Letras, habilitação em Português/Latim da Faculdade de  
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP

### **Agradecimentos especiais**

As Bibliotecárias do Conjunto das Químicas,  
Instituto de Ciências Biomédicas, Escola Comunicação &  
Artes e Faculdade de Filosofia Letras e Ciências  
Humanas da USP

## APRESENTAÇÃO

O mundo da poesia & prosa de Carlos Drummond de Andrade (C.D.A.) é vasto como já analisado em livros, dissertações e teses. Drummond escreveu sobre todos os assuntos: cinema, literatura, personalidades, futebol, comportamentos, moral, política, vida rural e cidades.

Particularmente, durante a atualização da segunda edição do livro Farmacologia Integrada foi introduzido breve comentário de C.D.A. em defesa das bulas dos remédios que havia sido publicado no Jornal do Brasil (1976).

*Ao contrario dos medicamentos que não raro  
acrescentam outros males aos que carregamos no  
corpo*

A partir daí, surgiu a ideia de pesquisa de temas recorrentes sobre **remédios & venenos** na obra de Drummond.

Inicialmente, pesquisando e relendo os poemas escritos de C.D.A. em livros, coleções e antologias, foi anotada uma série de fatos relacionados aos **remédios &**

**venenos** e as pessoas envolvidas. Ademais, foram agregadas **bebidas alcoólicas, café e substâncias psicoativas** (“*drogas*”).

De fato, ocorreu uma busca frenética por palavras nos 38 mil versos, segundo a matemática de Manuel Granã Etcheverry, poeta argentino e genro de Drummond.

A respeito das palavras, **C.D.A.** exaltou magnificamente em “*Consideração do Poema*”:

*As palavras não nascem amarradas,  
elas saltam, se beijam, se dissolvem,  
no céu livre por vezes um desenho,  
São puras, largas, autênticas, indevassáveis.*

(...)

*Eis meu canto.  
Ele é tão baixo que sequer o escuta  
ouvido rente ao chão. Mas é alto  
que as pedras o absorvem. Está na mesa  
aberta em livros, cartas e **remédios**.*

(...)

**(in A Rosa do Povo)**

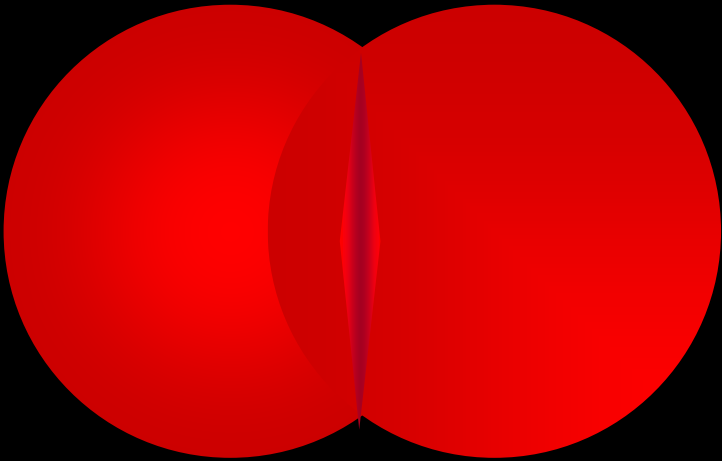
Mais tarde, numa entrevista dada ao Globo (1982), Drummond declarou:

*A palavra para mim é tudo, minha ferramenta de trabalho e o produto dessa ferramenta.*

Vale lembrar que **C.D.A.** era apenas bacharel em Farmácia, não tendo exercido a profissão de farmacêutico após a formatura. Mesmo assim, a pesquisa revelou felizmente que os assuntos sobre os **remédios e venenos** não eram poucos nos poemas publicados ao longo de sua vida.

Desta forma, não nos deixa alternativa, a não ser o nosso modesto reconhecimento da importância dos **remédios & venenos**, que se associam as outras brilhantes análises literárias como “*céu & inferno*” e “*encantos & desencantos*” da magistral obra de Drummond.





## TRAJETÓRIAS

Sem se apegar as minúcias cronológicas, pois no primeiro momento, seria mais interessante fazer um breve relato dos estudos de C.D.A.

no curso primário (fundamental) e colegial (médio) até a chegada ao ensino superior com o ingresso na *Escola Livre de Odontologia e Farmácia* em Belo Horizonte.



**Cidade antiga de Itabira, ruas e casa familiar.**



**Curso primário e colegial.** A pacata Itabira - Minas Gerais viu nascer há mais de um século seu ilustre cidadão Carlos Drummond de Andrade (1902-1987).

No ano de 1910, inicia o curso primário no Grupo Escolar Dr. Carvalho Brito em Belo Horizonte. Na mesma cidade, passa ser estudante interno no Colégio Arnaldo da Congregação do Verbo Divino em 1916. Por motivo de doença, volta a Itabira onde toma aulas particulares com o professor Emílio Magalhães para não perder o ano letivo. Viaja para Nova Friburgo, na condição de estudante interno do Colégio Anchieta da Companhia de Jesus em 1918. Apesar de ser premiado em certame literário, é expulso do Colégio Anchieta de hierarquia militarista em 1919.

A indignação do poeta é manifestada em “*Adeus ao Colégio*”:

*Adeus colégio, adeus vida  
vívuda sob inspeção,  
dois anos jogados fora,  
ou dentro de um caldeirão*

*(In Fria Friburgo)*

Em 1920 retorna com a família para Belo Horizonte. No ano seguinte, publica seus primeiros trabalhos no *Diário de Minas* (seção, “*Sociais*”) e conhece inúmeros jovens intelectuais que são todos frequentadores da Livraria Alves e do Café Estrela.

O conto “*Joaquim Toledo*” de sua autoria é premiado com importância de 50 mil-réis no concurso Novela Mineira.

**Curso de Farmácia.** Apesar das indecisões quanto ao rumo a tomar na vida, **C.D.A.** ingressa no curso de Farmácia em 1923.



### **Escola Livre de Odontologia e Farmácia em BH**

As apreensões do pai, o fazendeiro Carlos de Paula Andrade, e da sua mãe, D. Julieta Augusta Drummond de Andrade e a pressão dos amigos por estarem já clinicando em Medicina ou Advocacia são indagadas em “*A Consciência Suja*”:

(...)

*Então, sei lá porque, tu serás farmacêutico.  
E você continua a perder tempo  
do Bar Ponto à Escola de Farmácia  
sem estudar.*

**(in Mocidade Solta, Boitempo)**

Apesar de todas as hesitações, C.D.A. conclui o curso de Farmácia em 1925. De última hora, torna-se o orador da turma por indisposição de um colega.

O poema “*Final de História*” retrata ironicamente a cerimônia da formatura e ao mesmo tempo, manifesta a falta de vocação ao ofício farmacêutico.

**Carlos Drummond de  
Andrade, bacharel em  
Farmácia**

